
**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil**



V.13. N. 26. Mai./Ago./ 2019 p.220-237

ISSN: 2237-0315

Formação docente e prática de ensino: narrativas de professoras de Geografia

Teaching training and practice of teaching: narrative teaching of geography's teachers

Andrecksa Viana Oliveira Sampaio
Nereida Maria Santos Mafra De Benedictis
Luciana Amorim de Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Vitória da Conquista- Bahia- Brasil

Resumo

O presente artigo contempla uma discussão sobre a trajetória de formação das professoras de Geografia graduadas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), que atuam na educação básica, nas redes pública e privada de Vitória da Conquista - BA. As narrativas foram adotadas como metodologia da pesquisa e as professoras participantes puderam expor suas experiências desde os momentos em que eram estudantes da educação básica até o presente. As discussões foram conduzidas por meio da inserção de temas relacionados com a formação docente e a prática de ensino de Geografia. Foi possível perceber as concepções de educação e de ciência geográfica construídas pelas docentes ao longo de suas trajetórias e a ressignificação de suas vivências, além de uma reflexão das posturas pedagógicas apresentadas.

Palavras-chave: Formação Docente. Narrativas. Práticas de Ensino de Geografia

Abstract

The present article contemplates a discussion of the geography teacher's trajectory of formation. These teachers are graduated at Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) and they work in the basic education, at public and private schools in Vitória da Conquista- BA. It was taken as methodology of the research, the narratives, and the participating teachers expose their experiences moments from their time as basic education students until the present time. The discussion were conducted through the insertion of themes related to the academic education of teachers and the practice of Geography teaching. It was possible to perceive the conceptions of education and geography science built by the teachers during their trajectories and was perceived that the act of narrating the experiences provided a reframing of their livings and a reflection of the presented pedagogic attitudes.

Keywords: Teaching training. Narratives. Geography Teaching Practice

Introdução

O artigo em questão apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida com as professoras graduadas em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Os diversos questionamentos acerca das práticas docentes e das concepções de ensino de Geografia foram elementos fundantes para essa pesquisa. Tais indagações foram motivadas à medida que eram realizadas comparações, sobre o modo como os temas da Geografia eram trabalhados na Educação Básica. Diversas experiências e diferenças foram evidenciadas, no momento em que foram tecidas comparações entre a prática docente e a visão como discente da Educação Básica acerca do ensino de Geografia.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi feito um levantamento dos nomes das alunas que cursaram Geografia na UESB entre 1985, ano da implantação do curso na instituição, e 1992, intervalo que corresponde ao período de formação de professoras selecionadas.

Foram selecionados 21 (vinte e uma) professoras no total, as quais foram informadas sobre o tema e a importância da pesquisa, porém 11(once) professoras deram resposta negativa ao convite, sob a alegação de indisponibilidade de tempo. Assim, o número de professoras efetivamente participantes da pesquisa foi de 10 (dez).

A pesquisa foi realizada com o objetivo de conhecer as práticas de ensino de Geografia, analisando as práticas utilizadas pelas professoras no fazer pedagógico, no cotidiano da sala de aula, além de compreender a influência e contribuições oriundas das trajetórias da vida pessoal e profissional de professoras, em sua formação e constituição de sua identidade como docente, por meio das narrativas de suas memórias.

A reconstrução de tais memórias criou a expectativa de entender como essas professoras ressignificam seus conceitos e práticas nas salas de aula da Educação Básica, mediante as experiências cotidianas, das histórias de vida, bem como, dos saberes geográficos e pedagógicos, advindos dos processos formativos na universidade.

Como alternativa metodológica para alcançar os resultados da pesquisa e eficaz para o desenvolvimento pessoal e profissional de docente (REIS, 2008), optou-se pelo uso das narrativas, pois promovem reflexões acerca práticas e concepções,

provocando, no professor, o reconhecimento de si mesmo, bem como, a compreensão de sua identidade, suscitando transformações do próprio docente e dos demais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Para tanto é necessário que o professor esteja disposto a enfrentar “suas verdades” despindo-se de preconceitos e crenças, pois ao narrar suas próprias experiências o sujeito atribui novos significados, o que nem sempre é confortável, em vista de perceber suas falhas e limitações (CUNHA, 1997).

Muito se discute sobre o papel do pesquisador e sua interferência nas narrativas, porém este aspecto não se configurou como uma dificuldade nessa pesquisa, de forma que não se tem nenhuma intenção de negar a relação que o pesquisador mantém com o entrevistado, pois como afirmam Santos e Garms (2014, p. 4098):

[...] se todo indivíduo é o singular do universal social e histórico que o rodeia podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual. Se é legítima a tentativa de ler uma sociedade por meio de uma biografia, é preciso considerar que não se trata apenas da exposição de uma narrativa de experiências vividas pelo outro, mas sim de uma micro relação social.

Observadas as características, percebe-se que as narrativas se constituem como metodologia de investigação apropriados para a análise das trajetórias de vida de professoras de Geografia, bem como, de suas concepções acerca do ensino da referida disciplina. Portanto, foi criado, em 2017, um grupo de *Whatsapp*, denominado como “Narrativas de Professoras”, com o objetivo de promover o diálogo entre as professoras e pesquisadora, construindo, a partir de então, os relatos que posteriormente forneceriam os dados e elementos necessários para as análises propostas pelo trabalho.

As narrativas de professoras foram construídas com a orientação de 06 eixos motivadores:

Eixo motivador 01: Relação com os professores de Geografia da educação básica.

Eixo motivador 02: Objetivos que levaram a cursar Geografia

Eixo motivador 03: Encantos e Desencantos no decorrer do Curso de Geografia

Eixo motivador 04: Estágio Supervisionado

Eixo Motivador 05: Importância da pesquisa na formação de professores

Eixo Motivador 06: Conclusão do Curso, além dos desabafos e a avaliação da metodologia das narrativas pelas próprias professoras.

Os eixos eram inseridos no Grupo em períodos que variaram entre dois e três dias, conforme a dinâmica impostas pela disponibilidade das participantes, em narrar cada tema proposto. O grupo do *Whatsapp* ficou ativo durante quatro meses, período que foi gerando um material denso e de grande relevância para a pesquisa.

Com o objetivo de traçar o perfil de professoras, foi enviado por e-mail um questionário que buscou informações sobre a vinculação profissional (público e/ou privado) de professoras, formação em nível pós-graduação, eventos de formação continuada, carga-horária de trabalho e o tempo que leciona.

Para aprofundar nas questões teóricas que permeavam as narrativas é necessário um embasamento teórico sobre a educação brasileira, o processo de ensino e aprendizagem, a formação do docente, considerando a trajetória da vida profissional, tendo em vista que esse processo é construído por meio da síntese de experiências pessoais, acadêmicas e profissionais.

Educação, Currículo e Formação Docente: breves considerações

A educação brasileira, ao longo de seu processo histórico e social traz as marcas de diversas ideologias dominantes, de forma que mesmo vinculada à necessidade social, instrumentalizou-se por meio do sistema econômico, gerando assim, uma série de entraves, como a falta de estrutura e investimento. Nesse sentido, a escola poderá ou não disseminar e reproduzir ideologias visando a manutenção e conservação de um pensamento voltado para a elitização da educação e do saber.

Portanto, a escola como um lugar social deve valorizar-se como instrumento de apropriação do saber e assim contribuir para eliminar a seletividade e exclusão social. É este fator que deve ser levado em consideração, a fim de erradicar as disparidades de níveis escolares, a evasão escolar e a marginalização. Saviani (2008) alerta para o encargo do poder público, que é o responsável pelas políticas de melhoria do ensino, visando a integração entre o aluno e a escola. Contudo, além do componente histórico, evidencia-se que o modelo pedagógico adotado traz inúmeros problemas que poderiam ser evitados pela integração entre as esferas político-social e a administração da escola, no

sentido de intensificar os esforços educativos em prol da melhoria de vida no âmbito individual e coletivo.

Saviani (2008) aponta também para a importância da interação do professor e do aluno, pois a escola deve, além de possibilitar a aquisição de conteúdo, trabalhar o cotidiano do aluno em sala de aula, para que este tenha consciência e poder de analisar sua realidade de uma maneira crítica. O autor ainda afirma que a escola deve promover a socialização do educando levando-o a uma participação organizada na democratização da sociedade. Esse pensamento contrapõe-se a ideia de Durkheim (2010), quando considera a sociedade superior ao indivíduo, de maneira que este é constituído por meio dos valores e regras impostas pela sociedade, como se fosse uma caixa vazia a ser preenchida.

Em vista da importância do docente nesse processo é necessário que este considere a história da Educação em sua formação, de modo que perceba a carga ideológica que fundamenta cada concepção pedagógica, evitando que adote equivocadamente, e por vezes, de forma inconsciente, linhas contrárias ao que acredita.

A história da Educação deve ser concebida como um campo de pesquisa em que seja possível conhecer as concepções teóricas, os procedimentos investigativos, suas normas e éticas, e não, somente, como estudos de teorias, na perspectiva superada de fazer analogias superficiais entre o passado e o presente, negligenciando o contexto histórico em que foram produzidas.

As abordagens sobre educação se estabelecem como oportunidades para reflexões acerca dos diversos elementos que constituem tal fenômeno, de maneira que se torna imprescindível considerar questões referentes ao ensino e aprendizagem, formação docente, contexto sociocultural, dentre outros aspectos que compõem a dinâmica educacional.

O processo de educação se constitui na sociedade, também por meio da escola, que se caracteriza como um território de inúmeras relações, pacíficas e conflituosas, estabelecidas através da cultura, dos aspectos históricos, políticos e econômicos (JULIA, 2001), exigindo assim, que as práticas ali realizadas estejam em conformidade com suas necessidades, para a efetiva construção do ensino e aprendizagem, bem como, da formação do indivíduo, como sujeito social.

Nessa conjuntura, o currículo se caracteriza como instrumento que possibilita a concretização dos fins sociais e culturais que se espera da educação (SACRISTÁN, 2000), pois para o autor, uma escola sem conteúdos culturais é irreal e descomprometida.

É necessário a elaboração de um currículo que vai para além das definições dos saberes e o saber fazer, pois é imprescindível considerar as experiências do chão da escola, que possibilitam a construção e reconstrução das práticas, uma vez que há uma relação dialética entre a prática e a teoria. Sacristán (2000) ressalta ainda, que não existe ensino e aprendizagem sem as construções culturais que determinam a composição curricular da escola para os referidos níveis ou modalidades educacionais. A postura assumida pelo docente no cotidiano da sala de aula e as concepções acerca do ensino e da ciência com a qual trabalha, são determinantes para a construção do conhecimento do aluno.

As discussões sobre formação docente assumem papel fundamental, as quais vem se intensificando a cada dia, trazendo diversas possibilidades e propostas em que o professor é visto em sua amplitude. Nesse ínterim, compreende-se a formação do professor como um processo de edificação de autonomia, possibilitando a construção do conhecimento por intermédio das vivências, atos e trabalhos, uma vez que estão imersos em modos de vida, culturas diferenciadas.

Análise dos resultados

As dez professoras que participaram da pesquisa apresentaram uma faixa etária entre 40 e 59 anos. Todas as participantes possuem graduação em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Duas professoras, além da graduação em Geografia, também possuem a Licenciatura em Filosofia e em Pedagogia e Artes Visuais, respectivamente.

As docentes possuem pós-graduação em nível *lato sensu*, nas áreas de Ensino, Psicopedagogia, Gestão escolar, Educação Ambiental, dentre outras não relacionadas diretamente à educação. Todas as professoras têm a docência como único ofício variando a modalidade e os seguimentos de ensino (Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos)

A média do tempo de regência das professoras entrevistadas é de 13 anos, variando entre o maior tempo (20 anos) e o menor (7 anos). Dentro da amostragem de dez professoras no total, foi detectado que 63% trabalham somente em escolas públicas. Do restante, 27% das professoras trabalham apenas em instituições privadas e 9% são vinculadas, tanto em estabelecimentos públicos quanto privados.

A carga horária das docentes evidencia uma rotina intensa de atividades, de forma que a maioria (40%) trabalha quarenta horas semanais. As entrevistadas ressaltaram a necessidade da formação continuada e afirmaram que constantemente se envolvem em programas e eventos promovidos pelas próprias instituições que trabalham, além de buscarem, na academia, oportunidades para repensar sobre suas práticas, o que quase sempre é refletido nos trabalhos em sala de aula.

A motivação inicial do grupo “Narrativas de Professoras” (Eixo motivador 01) levou às participantes a rememorar seus tempos de alunas da educação básica, uma vez que foi solicitado abordagem da relação entre a Geografia e os professores dessa disciplina nessa fase de suas vidas.

Os relatos referentes ao primeiro ponto lançado no grupo foram bastante similares, sobretudo no que se referem as posturas dos professores, caracterizados, pelas narradoras, como tradicionais, com práticas engessadas de aulas expositivas, sempre cobrando a memorização de nomenclaturas de rios, capitais e estados, abordando os conteúdos de forma distante, não sendo considerada a realidade do aluno, como revela a narrativa de uma das professoras: “[...]minha relação com a Geografia na educação básica foi marcada como algo muito distante da minha realidade [...]” (PROFESSORA A, 2017)

Os relatos apresentam ainda, as dificuldades com o material didático adotado, que traziam sempre exemplos do Sul e do Sudeste, regiões do Brasil onde os livros eram produzidos, o que fazia as abordagens ainda mais distantes.

A distância entre as abordagens e as vivências foram mencionadas como causa de aulas cansativas e improdutivas que provocavam aversão tanto à disciplina como aos professores que a ministravam.

Segundo as professoras, as práticas pedagógicas são determinantes no processo de ensino e aprendizagem. Essas afirmam:

Sempre tive muita afinidade com a disciplina de Geografia, ela sempre me despertava interesse e curiosidade! Mas alguns professores, infelizmente não aproximavam os conteúdos para a nossa vivência, o que deixava as aulas cansativas! No ensino médio, me deparei com uma professora comprometida, que fazia cada aula: A aula de Geografia! Eu ficava impressionada como alguém com apenas o pincel na mão prendia a atenção de toda turma! E foi assim que acabei me inspirando a seguir a profissão! (PROFESSORA B, 2017).

[...]as aulas de Geografia nunca foram interessantes. Lembro da professora sempre sentada e o mapa pendurado no quadro. Quando fui para o ensino médio tudo mudou e a professora contavam experiências de viagens pessoais e o quanto a Geografia contribuía para suas escolhas. Aulas interessantes e motivadoras, a Geografia era um mundo a descobrir (PROFESSORA C, 2017).

As participantes afirmam que a postura do professor define a relação entre a disciplina e o estudante, uma vez que sua maneira de abordar os diversos temas geográficos e os mecanismos de envolver o discente no processo de aprendizagem é imprescindível para criar uma relação de satisfação em aprender tais temas.

O segundo eixo motivador para o prosseguimento das narrativas foi referente aos objetivos que as levaram a cursar Geografia. Os relatos revelam que a maioria (67%) tinha o desejo de ser professora desde a infância, mas que foram para a Geografia por causa de experiências em sala de aula, uma vez que, várias delas fizeram magistério e após algum tempo de experiência profissional tiveram a oportunidade de fazer o curso superior, optando assim, primeiramente pela Geografia no exame de vestibular. Contudo, cerca de 33% das entrevistadas tiveram opções distintas, como os cursos de Artes Plásticas, Arquitetura e Psicologia, que foram descartados por não serem oferecidos em nenhuma instituição na cidade de Vitória da Conquista, o que levou as professoras a optarem por Geografia, em vista de não poderem sair da cidade.

A terceira abordagem (Eixo motivador 03) foi referente aos encantos e desencantos no decorrer do curso de Geografia e nesta perspectiva as narrativas apontaram diversas dificuldades, sobretudo ao próprio processo de adaptação à dinâmica de um curso superior, mas também muitas descobertas e a construção de uma nova maneira de enxergar o mundo. A professora D, ressalta: “Todo início é muito difícil. Tudo era novo, a dinâmica diferente. Seminário então!!!!...A relação da sociedade com a natureza, geopolítica, geografia física...Era um universo a ser desvendado” (PROFESSORA D, 2017)

As aulas de campo foram lembradas como uma das melhores atividades realizadas no curso, pois havia, segundo as professoras, uma interação entre a teoria e as vivências, produzindo de fato o conhecimento. “[...] podíamos dar um significado à nossa aprendizagem através das aulas de campo...” (PROFESSORA E, 2017). Também foi evidenciado o estabelecimento de laços mais estreitos de amizade, o que fortalecia a turma que buscava superar as dificuldades impostas à estas atividades, como relata a professora F:

Me lembro que os trabalhos de campo eram realizados com muitas dificuldades. Cursei uma disciplina Antropologia [...] e fomos a Porto Seguro fazer um trabalho em uma reserva de índios que existia a uma distância considerável da cidade e tínhamos que enfrentar 4 horas de barco[...]sem segurança, decidimos fazer o trabalho com os índios que viviam em Coroa Vermelha. Foi muito bom!!! (PROFESSORA F, 2017).

O juízo descrito pelas professoras é ratificado por Libâneo (1994) quando ressalta que para ocorrer a aprendizagem é preciso um processo de assimilação ativa, construído mediante atividades práticas em várias modalidades e exercícios, nos quais se pode verificar a consolidação e aplicação prática de conhecimentos e habilidades “É uma relação recíproca na qual se destacam o papel dirigente do professor e a atividade dos alunos” (LIBÂNEO, 1994, p. 90).

Ao conversarem sobre as aulas e demais atividades realizadas no curso, as entrevistadas foram citando nomes dos diversos professores que participaram da formação acadêmica do grupo, visto que 89% das colaboradoras estiveram na UESB na década de 1990, sendo alunas dos mesmos mestres, o que gerou uma euforia em lembrar de episódios marcantes, do modo peculiar de cada professor trabalhar, causando momentos descontraídos no contexto das narrativas.

Embora 61% das professoras tenham feito magistério e experimentado à docência, elas caracterizaram o estágio supervisionado como um momento marcante, haja vista, a oportunidade de conhecer a realidade do ensino médio, aplicar os conhecimentos adquiridos na academia, além de terem estagiado no noturno, este que atende à um público distinto dos que elas tinham tido contato até o momento.

Algumas professoras relataram ter observado resistência dos regentes das turmas de estágio em recebê-las como estagiárias, o que causava intenso desconforto, visto a insegurança inerente a essa etapa da formação acadêmica, que se caracteriza como uma

situação desafiadora, uma vez que, a graduanda assume uma turma em andamento, desconhecida e de pertença à um professor experiente.

Além das dificuldades mencionadas anteriormente, foi relatado posturas negligentes e de desvalorização do estágio supervisionado, evidenciando pouco compromisso e envolvimento, como ressalta a professora C:

Estagiei no Instituto Euclides Dantas (Normal), meu regente muito tranquilo e ausente, tivemos dois encontros, um quando me passou as coisas burocráticas como caderneta, horários, notas e depois só reapareceu no final do estágio, fiquei sozinha na escola (PROFESSORA C, 2017).

Através das narrativas foi possível inferir que o curso de Licenciatura em Geografia da UESB compreende o estágio supervisionado (Eixo motivador 04) numa perspectiva estratégica, que possibilita a formação para o desenvolvimento da prática docente, tendo como principal objetivo estabelecer uma aproximação dos sujeitos em formação com os aspectos que compõem as práticas cotidianas e construções didáticas e pedagógicas que permeiam o contexto educacional, servindo assim, como um exercício de reflexões sobre os desafios da prática docente. A esse respeito, as entrevistadas, chegaram a conclusão que as concepções de alguns regentes se configuram como obstáculo na formação do estagiário, impedindo que o objetivo da academia acerca do estágio supervisionado seja alcançado.

Repensar o estágio supervisionado, apreciando os diversos aspectos que determinam a realidade da educação e a formação docente no ensino da Geografia, possibilita reconhecer seu papel na função social e intelectual do sujeito. Os princípios que fundamentam o papel do docente e dos principais pilares da educação geográfica devem conduzir estes à efetivação das práticas pedagógicas, didáticas e curriculares frente aos inúmeros desafios que são postos ao universo do campo educacional (SILVA, 2015).

Tardif (2002), ressalta que deve haver uma valorização da pluralidade e da heterogeneidade do saber docente, destacando-se a importância dos saberes da experiência, o que segundo o autor, faz do estágio supervisionado uma das etapas mais importantes na vida acadêmica dos alunos de licenciatura, oportunizando, além da observação, a pesquisa, o planejamento, a execução e a avaliação de diferentes

atividades pedagógicas, conforme as exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e demais documentos norteadores da educação no Brasil.

Na sequência das narrativas abordou-se sobre a importância da pesquisa no desenvolvimento docente (Eixo motivador 05), sendo unânime considerá-la fundamental na formação do professor-pesquisador, constituindo um profissional capaz de analisar suas próprias práticas e por meio desta análise, aprimorar sua ação pedagógica, no sentido de formar educandos capazes de pensar e se enxergar como sujeito ativo da construção social. As professoras entrevistadas afirmaram que sem a prática da pesquisa e da reflexão, não é possível se constituir professores que possam praticar uma educação transformadora.

As professoras foram tomadas de emoção ao serem motivadas a falar sobre a conclusão do curso e de colação de grau (Eixo motivador 06), em vista da maioria ter sido alunas do professor Antônio Luís Santos, mais conhecido como Luisão, figura marcante para os seus discentes.

Luisão foi acometido por um infarto durante a festa de formatura de uma das professoras, que relata o ocorrido com muita emoção e leva as demais professoras a rememorem suas vivências com esse professor, caracterizado como exigente, carrancudo, impactante, assustador, mas também encantador, sensível e comprometido, como narra a professora:

[...] fui privilegiada por ter professores maravilhosos que, além da relação profissional, nutrimos uma amizade que dura até hoje! [...] Mas impossível esquecer daquele que adorava “tocar o terror” com mapas mudos logo na primeira aula com os calouros, pedindo que localizassem os países que solicitava. Kkkkkkk! Ah...querido Luisão, gigante no tamanho e no coração! Quanta saudade! (PROFESSORA F, 2017)

No dia 15 de outubro, dia do professor, cercado de muitas emoções provocadas pelas narrativas sobre os professores, mais uma vez o grupo se torna um espaço latente de sentimentos, desabafos e ao mesmo tempo, mensagens que denunciavam a paixão pela docência.

Estabelecida uma relação de amizade e confiança entre as integrantes do grupo, uma das professoras se sente à vontade para desabafar e pedir apoio, pois sua escola estava sendo ameaçada de fechar:

Em nosso colégio estamos em luta! Estão querendo fechar nossa escola. Muitas ações realizadas para impedir. Convido a todas para participarem de uma reunião que acontecerá às 14 horas no colégio. A Secretária de Educação do Estado. Desconhece nossa realidade. Atendemos estudantes que moram em bairros periféricos. O remanejamento dos mesmos é incompreensível. Os pareceres determinantes são emitidos por técnicos que nunca tiveram o mínimo de contato com a população. Colégio Estadual Nilton Gonçalves (PROFESSORA G, 2017).

Diante do apelo, ocorreram inúmeras manifestações de apoio, pautadas em protestos, críticas ao Poder Público, indignações, questionamentos, mas também palavras de consolo e solidariedade, que segundo a professora G, foi fundamental para enfrentar um momento difícil.

A pesquisa foi realizada sempre buscando compreender as relações estabelecidas entre as trajetórias de vida, a docência e as percepções que as licenciadas em Geografia têm da profissão. Conforme, Souza (2008, p. 93):

Trabalhar com narrativa escrita como perspectiva de formação possibilita ao sujeito aprender pela experiência, através de recordações-referências circunscritas no percurso da vida e permite entrar em contato com sentimentos, lembranças e subjetividades marcadas nas aprendizagens experienciais. O mergulho interior possibilita ao sujeito construir sentido para a sua narrativa, através das associações livres do processo de evocação, num plano psicossomático, com base em experiências e aprendizagens construídas ao longo da vida.

As professoras que participaram da pesquisa salientaram que as narrativas contribuíram para o estabelecimento das suas ponderações acerca da prática em sala de aula, de forma que passaram a refletir sobre seu fazer pedagógico, estabelecendo relações entre as construções teóricas e suas práticas. Toda essa dinâmica se estabeleceu ao passo em que as professoras construíam suas falas. Uma das professoras avalia que as narrativas:

Permitiram rememorar momentos históricos incríveis, partilhas e experiências vividas enquanto estudante e enquanto profissional, o que favoreceu uma reflexão, sim, acerca da evolução enquanto ser humano e educadora ao longo do tempo. Permitiu perceber como é importante a dinâmica de sala de aula (e fora dela) e a necessidade de aperfeiçoar-se constantemente (PROFESSORA F, 2017).

Além de terem sido eficazes para o estímulo de refletir sobre si, as narrativas promoveram uma atmosfera de cumplicidade, no momento em que as professoras começaram a enxergar nas falas umas das outras, suas próprias angústias, insatisfações,

bem como, o amor pela profissão e a importância do curso de Geografia da UESB em suas vidas. A professora H refletiu:

Com as narrativas de minhas colegas percebi a importância do curso de geografia da UESB para as nossas vidas. Todas as pessoas do grupo são profissionais da educação com qualidade, participando se envolvendo em todo o processo de ensino e aprendizagem (PROFESSORA H, 2017).

A professora I corroborou avaliando:

[...] ao deparamos com relatos de avanços ou das dificuldades, temos uma visão bem ampla, de que os acontecimentos diários dentro da sala de aula, também são os mesmos dos nossos amigos de docência. E essa humanização leva a reflexão que podemos através dos relatos comparar ideias, posicionamentos e mudar nossas práticas no âmbito escolar, e de gestão. Pois ao deparamos com relatos da época do estágio, as dificuldades encontradas pelos companheiros em serem bem recebidos nos espaços de estágio ou não, as lembranças dos bons professores a maneira de como cada um ajudou na formação acadêmica, toda essa junção faz parte dos saberes docentes, que contribui e enriquece ainda mais nossa jornada profissional (PROFESSORA I, 2017)

Para as professoras, o ato de narrar ajudou muito a perceber que a diversidade dos meios que as envolvem, as diferentes experiências ao longo das vidas e o desenrolar de suas vidas profissionais acabaram interferindo em suas concepções de Geografia e sobretudo de educação, pois ao longo de uma trajetória muitas coisas vão se perdendo, em virtude dos inúmeros desafios da profissão, que desmotivam e acentuam os questionamentos acerca das incongruências do sistema educacional do país.

Contudo, as professoras afirmaram que a interação com colegas de profissão, por meio dessa pesquisa, despertou um novo ânimo, “ressuscitando” desejos de retomar os estudos e fortalecer uma prática pedagógica emancipadora. A professora G relata:

[...] somos um elo de ideias, de reflexões, cada qual com sua demanda e emoções, é sempre bom poder comparar suas atitudes com outros relatos, com isso podemos inovar nas aulas, contribuir com avanço da turma, melhorar nossa postura de docente e ao mesmo tempo discente, em se tratando de uma acadêmico que está caminhando para um mestrado, especialização ou doutorado, querendo sempre adquirir mais e mais conhecimento na área da educação ou na sua área específica, pois um mundo se renova dia a dia, as tecnologias, as concepções, andam em constantes transformações, e cabe a nós que pretendemos oferecer a nós mesmos e aos nossos alunos uma educação de qualidade. E os relatos via whatsapp é uma prova viva do que acabei de falar, encurtando as burocracias diárias, facilitando o ir e vir de informações que somam aos nossos saberes e práticas diárias (PROFESSORA G, 2017).

A formação docente é uma tarefa complexa que exige uma reflexão perene do fazer pedagógico, das concepções de ensino e aprendizagem, da realidade da educação para a qual se forma, além da necessidade de se pensar o contexto sócio cultural constituído. Nesta perspectiva, são muitos os elementos que precisam ser considerados nessa prática, haja vista, que a docência é realizada para além das paredes da sala de aula, pois há um mundo de emoções, sonhos, perspectivas, desilusões, amores e desamores pela profissão, de forma que é necessário estar ciente dos desafios para os quais o caminho da docência conduz.

Diante das provocações da prática docente, é necessário desenvolver competências que supere um modelo passivo, baseado em informar e não na construção de conhecimento, distante de atender as primícias de promover nos alunos, a compreensão das mudanças aceleradas da sociedade. Freire (1996, p.12) defende que:

É preciso[...] que o formando, desde o princípio da sua experiência formadora, assumindo-se como um sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

Embora as professoras tenham exposto diversos percalços para um fazer pedagógico adequado e por diversas vezes, manifestam queixas ao relatarem as impossibilidades de executar com excelência as propostas que elaboravam, foi completamente ausente em suas falas, quaisquer sinais de descaso ou insatisfação com o ofício que exercem. Demonstraram intenso desejo por condições que favorecessem o desenvolvimento e a construção de uma educação de qualidade e que, de fato, agenciasse a formação de um sujeito crítico, capaz de se enxergar no processo de construção e reconstrução do espaço geográfico.

As professoras evidenciaram que buscam desenvolver, dentro do possível, uma educação capaz de construir nos estudantes uma consciência cidadã, que possa contribuir para uma sociedade mais igualitária, valorizando sobretudo, princípios como a solidariedade e a equidade, eliminando, substancialmente, as desigualdades.

As narrativas demonstraram ainda, que o grupo de professoras participantes da pesquisa possuem uma concepção pedagógica atenta ao desenvolvimento integral do discente, como ressalta Delors (1998) quando elenca as quatro aprendizagens

fundamentais e os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, ou seja estar aberto ao conhecimento que verdadeiramente liberta da ignorância; aprender a fazer, a correr riscos, a errar, mesmo na busca de acertar; aprender a conviver, exercitar a fraternidade como caminho do entendimento, da tolerância e do respeito às diversidades; e, finalmente, aprender a ser, que, talvez, seja o mais importante por explicitar o papel do cidadão e o objetivo de viver.

Vale salientar que as narrativas das professoras participantes dessa pesquisa, demonstraram preservar concepções de ensino e de Geografia, favoráveis à construção de uma educação de qualidade, capaz de formar estudantes conscientes, críticos e cidadãos.

Considerações finais

São muitas as dificuldades intrínsecas ao trabalho docente, que permeiam a conjuntura da educação no Brasil, além de aspectos que envolvem à formação do profissional, uma vez que, esta não pode se dissociar dos problemas que envolvem condições e jornadas de trabalho, questões salariais e aspectos pessoais, que geralmente não são considerados.

Utilizar as narrativas autobiográficas nos estudos sobre a docência possibilita ainda, a construção de concepção pedagógica, dando oportunidade ao professor de assumir seu potencial gerador do saber transformador, dentro do processo de educação.

Os resultados da pesquisa mostram a eficácia das narrativas autobiográficas para investigações dessa natureza, uma vez que, os diversos aspectos subjetivos, improváveis de serem mensurados a partir de uma metodologia quantitativa, foram de extrema relevância para se alcançar os objetivos definidos para esse estudo.

Assim, torna-se imprescindível contemplar a trajetória de formação docente, bem como as experiências pessoais, familiares, profissionais e sociais, a fim de entender como estas foram constituídas, e a partir disso, interpretar as práticas docentes, concebendo o professor em sua totalidade. Tais elementos possibilitaram o êxito dessa pesquisa, em vista de ter sido possível perceber, por meio das narrativas, que a formação acadêmica e profissional, bem como, as concepções que versam a educação e o ensino de Geografia, perpassam pelos meandros que as trajetórias da

vida de professoras oferecem, sendo determinantes na constituição do sujeito e consequentemente do que é realizado por ele, nesse caso pelas professoras de Geografia.

A pesquisa evidenciou que as experiências (profissionais/pessoais) vivenciadas pelas professoras são fatores determinantes de suas formações enquanto profissionais e pessoais. Ademais, tais vivências são capazes de moldar suas concepções acerca da educação, alterando suas práticas em sala de aula. A desqualificação do trabalho docente, os problemas que envolvem o sistema educacional e as múltiplas funções realizada pelas professoras, como profissionais, esposas, mães, dentre outras, são elementos que interferem em seu desempenho em classe, de forma que delineiam práticas de ensino, algumas vezes incompatíveis com as suas concepções.

Referências

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

CUNHA, M.I. Conta-me agora! As narrativas como alternativa pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, 23(1-2). 1997. São Paulo: Disponível em: <http://www.revista.usp.br/rfe/article/view/59596/62695>. Acesso em: 06 jan.2018.

DELORS, J. et al. **Educação um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: CORTEZ, 1998. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf#267>>. Acesso em: 26 fev.2018

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4657.pdf>. Acesso em: 06 jan.2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan.jun. 2001. Disponível em: www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/download/273/281. Acesso em: 12 jan. 2018.

LIBÂNEO, J. C. **O processo de ensino na escola**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 77-118

REIS, P. R. As narrativas na formação de professores e na investigação em educação. **Nuances**: Estudos sobre Educação, 15(16), 17-34, 2008. Disponível em:

<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/174>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SACRISTÁN, J. G. Aproximação ao conceito de currículo. In: SACRISTÁN, J. Gimeno. **Currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed. 2000, p.13-53.

SANTOS H.T.; GARMS G. M. Z.. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. 2014, Águas de Lindóia. **Anais Eletrônicos** do Congresso Nacional de Professores e Congresso Estadual sobre Formação de Educadores. São Paulo: UNESP; PROGRAD, 2014. p. 4094-4106 Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/141766>. Acesso em: 08.jan.2018.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, Miqueias Virgínio. O Estágio Supervisionado como Possibilidade Interventiva no Ensino de Geografia: Contribuições Para Uma Formação Profissional Na Contemporaneidade, **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, MG, v. 6, n. 11, p. 156-172, jul./dez. 2015. ISSN 2179-4510. Disponível: <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br>. Acesso em: 30 de jan. 2018

SOUZA, E.C. Histórias de Vida e Formação de Professores. In: SOUZA, E. C (Org.) **Histórias de vida, escritas de si e abordagem experiencial**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008. p. 90-95.

TARDIF, M. **Saberes docentes e fazeres docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

Sobre as autoras

Andrecksa Viana Oliveira Sampaio

Professora Adjunta do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *Campus Vitória da Conquista*. Atua na área de Metodologia e Prática de Ensino de Geografia (Graduação) e na linha de pesquisa: Conhecimento e Práticas Escolares (PPGED/UESB). Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (PPGEO/UFS). Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (PPGEO/UFS). Atualmente está realizando estudo pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal de Sergipe (PPGEO/UFS). Coordenadora do Grupo de Pesquisa No Ensino de Geografia (GRUPEG/UESB) e Integrante do Núcleo de Análise em Memória Social e Espaço (NUAMSE/CNPq/UESB). E-mail: andrecksa.oliveira@uesb.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7826-0908>

Nereida Maria Santos Mafra De Benedictis

Professora Adjunta do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *Campus Vitória da Conquista*. Atua na área de Metodologia e Prática de Ensino de Geografia (Graduação) e na linha de pesquisa: Conhecimento e

Práticas Escolares (PPGED/UESB). Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Coordenadora do Grupo de Pesquisa No Ensino de Geografia (GRUPEG/UESB) e do Núcleo de Análise em Memória Social e Espaço (NUAMSE/CNPq/UESB). E-mail: nereidamafrabenedictis@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9257-3487>

Luciana Amorim de Oliveira

Mestranda em Educação no Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED/UESB). Especialista em Análise do Espaço Geográfico (UESB). Especialista em Geografia: Teoria e Prática em Sala de Aula (UESB). Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do Núcleo de Análise em Memória Social e Espaço - NUAMSE e do Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia - GRUPEG. Atua no Ensino Fundamental II desde 2002. E-mail: oamorim.luciana@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2108-5002>

Recebido em: 12/03/2019

Aceito para publicação em: 30/03/2019